

A QUESTÃO DA EXPERIÊNCIA EM MARX, BENJAMIN E ADORNO E SUAS IMPLICAÇÕES

CESAR AUGUSTO ALVES DA SILVA¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a perda da possibilidade da experiência na sociedade contemporânea. Para tal, utiliza o conceito de experiência cunhado por Walter Benjamin e possível de ser percebido também na obra de Adorno.

Para ambos, a experiência se tornou impossível de acontecer devido às mudanças no contexto da produção e reprodução da vida dos seres humanos que foi engendrado pelo sistema fabril e a ascensão da forma mercadoria como única constituinte das relações. Esta forma, ao abarcar o cenário da vida dos humanos também afetou a percepção e a sensibilidade daqueles configurando-as segundo os seus ditames de produção e circulação. Ao final, apresenta uma dúvida a que todos tememos responder.

Palavras chave: mercadoria; experiência; vivência; modernidade.

Abstract: This article aims to discuss the possibility of loss of experience in contemporary society. To this end, uses the concept of experience coined by Walter Benjamin and can be seen also in the work of Adorno. For both, the experience became impossible to happen due to changes in the context of production and reproduction of human life that has been engendered by the factory system and the rise of the commodity form as the only constituent relations. This way, the scene of the life span of humans has also affected the perception and sensitivity that set them according to their dictates of production and circulation. In the end, presents a question we all fear the answer.

Key words: commodity; experience; experience; modernity.

Síntesis: Este artículo pretende discutir la posibilidad de pérdida de experiencia en la sociedad contemporánea. Con este fin, utiliza el concepto de experiencia acuñado por Walter Benjamin y se puede ver también en la obra de Adorno. Por tanto, la experiencia se convirtió en imposible de suceder debido a los cambios en el contexto de producción y reproducción de la vida humana que ha sido engendrada por el sistema de fábrica y el surgimiento de la forma mercancía como las relaciones constitutivas solamente. De esta manera, la escena de la vida de los seres humanos también ha afectado a la percepción y la sensibilidad que los establecidos de acuerdo a sus dictados de la producción y circulación. Al final, se presenta una pregunta que todos temen la respuesta.

Palabras clave: mercancía; la experiencia; la experiencia; la modernidad.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento e a expansão de uma forma antes marginal de mediação da produção e reprodução da vida, isto é, o dinheiro, que abarca pouco a pouco a intermediação de todas as formas e relações de

produção e troca entre os seres humanos e se transforma na principal mediação do sistema produtivo industrial, há uma cisão na realidade. Aquele objeto que antes era concebido com o único objetivo de satisfazer uma necessidade imperiosamente humana, fosse ela do espírito ou da matéria, agora misteriosamente ultrapassa tal função e adquire outra: multiplicar algo inumano, isto é, destituído de uma função imprescindível à sobrevivência do ser humano. A rigor, não há uso, deste último, no dinheiro; este corresponde apenas a uma abstração, uma convenção humana para facilitar as trocas, realizadas por mercadores no Antigo Regime, entre comunidades longínquas, mas que, posteriormente, após a Idade Média e com o advento das destruições do regime feudal e a ascensão das monarquias, encontra um campo livre para a sua proliferação e estabelecimento como único meio de troca. Ora, adicionando-se a isso o advento do descobrimento do “Novo Mundo” pelos europeus, que vão realizar a expropriação de matérias primas e ouro daquelas terras, isto é, destas, e o grande avanço científico que fica a serviço dos monarcas, financiados pela incipiente burguesia comercial, e tem-se as condições que vão ser usadas para engendrar a industrialização nos moldes da forma mercadoria com intenção única de produzir de forma exponencial mais dinheiro, ou seja, erigir a forma capital. O uso do dinheiro é puramente formal, isto é, um elemento que a tudo suga e transmuda sua forma original na forma dele, dinheiro, para, num modo ulterior, emergir de forma ampliada. “O dinheiro é a mercadoria absolutamente alienável, por ser a forma a que se convertem todas as outras mercadorias ou o produto da alienação geral delas.” (Marx, 1989, p. 123).

A cisão se recrudescer com esse sistema industrial de produção. Se, a princípio, a mercadoria gerada pela dinâmica de produção ainda possuía um valor de uso que concedia base para a existência da própria mercadoria e de seu valor de troca, com o avanço da tecnologia e da concorrência comercial, a lógica do modo de produção capitalista pode alcançar o paroxismo de criar produtos que obedecem apenas ao critério de valor de troca. Para o uso desses objetos criam-se inúmeros recursos científicos, técnicos, administrativos e propagandísticos que atuam sobre os seres humanos de forma industrial na constituição de necessidades para darem vazão aos produtos. Noutras palavras, a partir de um aparato tecnológico, utilizasse todos os elementos disponíveis, toda a capacidade produtiva com o escopo de valorizar ao máximo o valor, otimizar ao extremo a planta produtiva e seus nexos distributivos, com fins de rentabilizar cada produto, cada empresa, face ao concorrente. E, para não ser surpreendido, utiliza-se todo o capital (ciência, tecnologia, dinheiro, mão de obra, etc.) disponível também para a criação de novos produtos, que são concebidos antes mesmo que existam necessidades humanas por eles. Desse modo o

fetichismo se impõe e os humanos o ceguem de forma absolutamente cega. O cantor da moda, o ritmo, a moto, o carro, não importando a verdadeira necessidade humana. A falsidade permeia todas as relações, pois tudo é feito com um único escopo: vender. As emoções não são mais emoções, são formas puras para que o valor de troca se consubstancie e se reproduza. A irrealidade das relações acontece na realidade das trocas. A insatisfação com a vida é mascarada pela desfaçatez dos rostos felizes que inundam as propagandas de produtos inúteis às verdadeiras necessidades, pois estas são desconhecidas a todos que vivem em meio à falsidade de relações não livres. A dominação do valor de troca, para que este se reproduza, impõe seu movimento tautológico até nos velórios.

O capitalismo parece ser o espaço da novidade, mas não é! O valor de troca impede a experiência, a verdadeira parteira da novidade, esvazia de conteúdo real os objetos. A experiência humana, aquela cheia de aprendizado e conteúdos válidos para a verdadeira formação do ser humano, isto é, aquela em que o ser humano não aprende apenas a sobreviver, mas a transcender esse ato percebendo-se enquanto natureza e espírito, sintetizando tal percepção numa forma para além daquela em que ele se encontrava antes, perece frente às novas condições de produção e reprodução da vida a ela impostas.

Etimologicamente, para experiência, a palavra que Walter Benjamin usa é *Erfahrung*. O seu radical é “*fahr*” que significa viajar. No antigo alemão, “*fahr*” é atravessar uma região, durante uma viagem, por lugares **desconhecidos**. E a palavra latina para experiência tem como radical “*per*” (experiência): sair de um perímetro, **sair da condição do já conhecido**, do já vivido, para ampliar vivências, acontecimentos e repercussões desses acontecimentos novos nas nossas vidas. E, de “*per*”, também vem a palavra *periculum*: atravessar uma região, durante uma viagem, onde perigos podem nos assaltar. E, para esses perigos, há a palavra que se associa a *periculum*, que é *oportunus* – originada de *portus*, que quer dizer saída. Então, as experiências que nos acontecem durante uma travessia no desconhecido, numa viagem, são experiências que alargam nossa identidade, nosso conhecimento, nossa sensibilidade, nossa condição no mundo. Ora, no presente, com a contração do tempo, a experiência foi abolida. A experiência era algo que se transmitia de geração em geração, no sentido de que: narrativas comunicáveis se faziam como modelos exemplares de ensinamentos para gerações vindouras. (Matos, 2009).

Da citação acima, podemos perceber que a configuração da ordem produtiva que objetiva apenas e tão somente a ampliação do capital, acabou por erigir um mundo social tal qual o processo de produção fabril. Pois se o tempo da vida cotidiana foi contraído é porque dentro dele há a necessidade de caberem inúmeras coisas. Sendo assim, todas devem ser realizadas de maneira rápida e superficial. Ora, é exatamente nas fábricas, nos escritórios, nos comércios, etc. que as atividades devem ser desenvolvidas rigorosamente sob este desenho. E não estamos nos referindo ao início do capitalismo, ou seja, aos princípios da revolução industrial, mas sim ao cenário que hoje encontramos tanto em

micro empreendimentos quanto em corporações com administração profissional. Nestes locais, para rentabilizar cada centímetro quadrado do estabelecimento, encontraremos quadros minúsculos de funcionários que são obrigados a trabalhar num ritmo alucinante, impostos, tanto o quadro de funcionários quanto o ritmo, para rentabilizar ao máximo as operações da empresa.

Se a produção deve estar sempre em alta velocidade, o correspondente complementar desta cadeia deve seguir o mesmo ritmo, ou seja, o consumo também deve acontecer na mesma cadência, portanto, de forma veloz. Por sua vez, o ser humano parece incorporar esta dinâmica do processo produtivo e não conseguir se relacionar de outra forma com o mundo a sua volta, o que inclui seus semelhantes. O ritmo frenético da produção e dos rituais de troca cria uma cultura do descarte – pois tudo que é produzido deve ser consumido –, do distanciamento, da brevidade, do curto espaço de tempo que se possui algum objeto, pois há grande semelhança em todas as mercadorias de uma mesma linha de produtos, diferenciando-se cada um deles apenas por outro recurso recém incorporado, mas que obriga o consumidor a se livrar do objeto antigo e logo adquirir o mais novo lançamento se adaptando a ele. Tal comportamento é assimilado e empregado no relacionamento com outros seres humanos. Assim, cria-se, sob rígidas condições objetivas, isto é, a configuração produtiva atual, um comportamento humano que vê em seu semelhante uma coisa cuja única razão de existir está em servir-lhe, rápida, superficial e imediatamente. Noutras palavras, os seres humanos passam a tratar-se como mercadorias e, percebamos, isto acontece para além dos muros das fábricas, comércios e escritórios.

É através do descarte, e não da posse, que se criam possibilidades infinitas de novos consumos, ou seja, de novas possibilidades de ser, mediadas pelas infinitas possibilidades de novas experiências. Não importa o quão superficiais ou efêmeras sejam elas. O que importa é sua possibilidade e não sua durabilidade, muito menos sua permanência. (Lara, 2007, p.12)

Desta forma, percebemos um contexto em que o conceito de experiência tal qual postulado por Benjamin (1989) e explicado acima detalhadamente por Olgária Mattos, não existe mais. Pelo contrário, a cisão na realidade, provocada pela expansão da produção industrial capitalista transformando tudo em que toca na forma mercadoria, que carrega em si o valor de uso e o valor de troca, mas, como já explicamos acima, para sobreviver enquanto forma abarca todas as relações sociais e recrudescer como único pólo constituinte de si mesma o valor de troca, se amplia para todos os espaços da existência do ser humano chegando, como mostramos acima, à cultura e ao comportamento dos humanos, alterando-os de forma absoluta. Pois numa passagem tão impressionante quanto bela, Paul Valery,

citado por Benjamin (1994, p. 206), comparando os contextos da produção antes e durante o advento da indústria, alude explicitamente às suas implicações para a experiência, sensibilidade e percepção humanas:

Falando das coisas perfeitas que se encontram na natureza, pérolas imaculadas, vinhos encorpados e maduros, criaturas realmente completas, ele (Paul Valéry) as descreve como 'o produto precioso de uma longa cadeia de causas semelhantes entre si'. O acúmulo dessas causas só teria limites temporais quando fosse atingida a perfeição. 'Antigamente o homem imitava essa paciência', prossegue Valéry. 'Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas; lacas e pinturas obtidas pela superposição de uma quantidade de camadas finas e translúcidas... - todas essas produções de uma indústria tenaz e virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.

A reflexão, a partir do ponto de vista econômico que sustenta e determina um mundo social e cultural, avança sobre outras áreas do conhecimento humano, perseguindo o rastro, as pistas deixadas em outros âmbitos da cultura e da vida dos homens, à medida que vão sendo devastados conforme a forma valor e a forma mercadoria se impõem sobre os objetos, as relações e o espaço que os formam, cooptando-os violentamente. Sim, a cooptação é violenta, pois se não há alternativa para o ser humano produzir, desenvolver relações com seus semelhantes e com a reprodução de sua vida senão sob a forma mercadoria, trata-se de uma violência. Acontece que este ato, as condições que se formaram, implica até numa crise do belo, de sua consecução e de sua percepção, e do espaço para a capacidade imaginativa de cada um, dado que este processo necessita de um âmbito livre da influência e dos estímulos sociais que se abatem sobre a consciência como uma rajada de balas, não deixando tempo nem espaço para contemplação, isto é, momentos fora da esfera dos estímulos. Pois se o ser humano habita em meio a um cenário e um tempo totalmente acelerado, como é o da fábrica, ou da cidade, com máquinas pesando toneladas e se deslocando em alta velocidade por todos os lados, obrigado a enfrentar a multidão e emergir dentro dela seguindo suas normas e códigos de conduta, ele agora é obrigado a viver constantemente num estado de alerta. Mais do que isso, somente seus instintos mais primários são trazidos à tona e ele é conduzido pelas ruas por meio de cores que o mandam parar ou se deslocar. Sua visão é estimulada o tempo todo, mas não para produzir nele uma lembrança de tempos passados, uma bela recordação ou uma reflexão sobre um cenário ou acontecimento, isto é, insuflar sua capacidade imaginativa, não. Tais signos e símbolos estão ali apenas para produzir nele atos reflexos, respostas aos estímulos, e conduzi-lo, voluntariamente, ao automatismo. A técnica e a tecnologia servem ao capital e não ao humano. Por isso, todo o seu desenvolvimento, desde o daguerreótipo

até o mais moderno aparelho de ressonância magnética, não possuem o escopo de salvar vidas ou desenvolvê-las, mas sim obter a expansão geométrica do capital, se para tal, algumas vidas têm de ser salvas, tal feito não passa de um efeito colateral. A reprodutibilidade técnica, ao invés de distribuir a alta cultura juntamente com seus valores, fez exatamente o contrário e, além de destruir a aura (Cf. Benjamin, 1994, p. 165-196), possibilitou ao valor e ao capital atingirem a produção espiritual do homem, transformando-a em mercadoria. A sensibilidade humana foi a principal vítima de tal ataque, mas a beleza foi à lona juntamente com ela.

A constante disponibilidade da lembrança voluntária, discursiva, favorecida pelas técnicas de reprodução, reduz o âmbito da imaginação. Esta talvez se defina como uma faculdade de formular desejos especiais, que exijam para a sua realização 'algo belo'. O que poderia estar associado a esta realização foi definido mais uma vez por Valéry, minuciosamente: 'Reconhecemos uma obra de arte quando nenhuma idéia suscitada, nenhuma forma de comportamento sugerida por ela, pode esgotá-la ou liquidá-la.' (...) Aquilo com que o quadro satisfaria o desejo, que pode ser projetado retrospectivamente em sua origem, seria alguma coisa que alimenta continuamente esse desejo. O que separa a fotografia da pintura, e o motivo de não haver um princípio único e extensível de criação para ambas, está clara, portanto: para o olhar que não consegue se saciar ao ver uma pintura, uma fotografia significa, antes, o mesmo que o alimento para a fome ou a bebida para a sede. A crise que assim se delineia na reprodução artística pode ser vista como integrante de uma crise na própria percepção. (Benjamin, 1989, p.138)

Essa "crise na própria percepção" é engendrada pelo verdadeiro derretimento das possibilidades da experiência, isto é, das condições que a engendram. Pois para esse novo comportamento humano, ou seja, que não produz nem incorpora experiências – novo, porém não mais verificável como um aperfeiçoamento do ser e da convivência humanas – Benjamin, segundo Konder (1989, p. 146) proclama o conceito de Erlebnis ou Erleben, a vivência. Então, com a passagem de um ambiente que possibilitava a atividade, isto é, um ser humano num processo ativo de troca com o mundo, com a natureza, para outro em que o ser humano passa a ser, mesmo sem perceber, objeto passivo, sofrendo as conseqüências do contexto dominador. Os conceitos acima, desvelados por Olgária Mattos, são desdobrados por Oliveira (1997, p. 31-32) nos seguintes termos:

Erleben é viver, presenciar, sofrer, ao passo que Erfahren é chegar a, saber, tornar-se perito em algum setor. Estão, portanto, traçadas as fronteiras entre duas modalidades: uma de quem passa pela vida como um espectador, alguém que reage a estímulos; outra de quem vive, alguém que exerce certo grau de reação consciente, pensada refletida. (...) Erfahrung modifica, altera, ensina. Erlebnis apenas acrescenta passagem do tempo. Erlebnis vs Erfahrung – eis aí delineadas a vida como objeto e a vida como sujeito, a vida como reflexo e a vida como reflexão, a vida que se dissipa e a vida que se vive de fato, em extensão e profundidade.

No entanto, tanto a *Erfahrung* quanto a *Erlebnis*, e a perda primeira – como já dissemos, mas devemos acentuar esse fato –, implicam, para existirem, em condições objetivas para o ser humano e não apenas subjetivas. Se partirmos de uma situação concreta, podemos dizer: de nada adianta levar Platão, Goethe, Picasso, Dalí, Mozart ou Beethoven, para aqueles que não vivem as condições de entendê-los. Num mundo em que estes perderam seu significado total e se tornaram apenas, quando muito, mercadoria para entretenimento, tem-se é que, antes, modificar aquelas condições, pois são elas que engendram o mundo da *Erlebnis* em que vivem os humanos hoje e impedem a fruição do belo. Mas antes de qualquer julgamento apressado que possamos receber do ingênuo entusiasta da educação escolar enquanto motor do desenvolvimento ou da emancipação (abstração calcada na verborragia vazia), este deve entender que o fato de um ser humano contemporâneo médio, oriundo das massas conformistas e conformadas pelos “bens de cultura”, que nada mais fazem do que dominar, entreter, condicionar e manobrar os seres humanos, enquanto consubstanciam o capital em seu processo de livre expansão, não se interessar ou não entender qualquer um dos verdadeiros artistas citados acima, não se deve única e exclusivamente ao seu estrato social e econômico, isto é, sua situação de pobreza ou riqueza de recursos. Pois se a questão aí residisse, ela já estaria resolvida, dada a redistribuição de renda que tem havido neste país nos últimos anos, e os problemas educacionais já teriam sido sanados. No entanto, os problemas continuam. Aqui, podemos fazer uma analogia e nos reportar ao clássico episódio da epopéia de Ulisses em que ele, navegando, deve atravessar uma região de sereias e não sucumbir ao seu canto. Mesmo havendo uma diferenciação de classes entre Ulisses e seus remadores, ele dá uma solução objetiva para o problema de ambos: ordena que seus remadores o amarrem ao mastro de seu navio e tapa os ouvidos de seus remadores com cera. Devemos perceber que Ulisses, com toda sua riqueza e seu conhecimento e mesmo tendo o privilégio de poder ouvir o canto de tais seres, também teme não resistir e se entregar aos encantos das sereias. E, acima de tudo, é que ele concede uma solução objetiva a um problema objetivo, isto é, à possibilidade iminente de se lançar ao mar e perecer, juntamente com sua tripulação, ele usa cera e cordas, ao invés de tentar convencer a si mesmo e sua tripulação por meio de “conscientizações”, conversas, livros, enfim, educação.

Então, o fato contemporâneo da impossibilidade da existência da *Erfahrung* (a experiência) se deve à brutal expropriação das condições para que ela seja possível – feita pouco a pouco pelo processo que engendra o capital. Walter Benjamin (1989, p. 106),

numa sutil divergência com Proust a respeito das condições necessárias para o surgimento da experiência no indivíduo, mas compondo o cenário dialético, assevera:

Segundo Proust, fica por conta do acaso se cada indivíduo adquire ou não uma imagem de si mesmo, e se pode ou não se apossar de sua própria experiência. Não é de modo algum evidente este depender do acaso. As inquietações de nossa vida interior não tem, por natureza, este caráter irremediavelmente privado. Elas só o adquirem depois que se reduziram as chances dos fatos exteriores se integrarem à nossa experiência.

Aí está o problema: os fatos, as coisas, os “bens culturais” produzidos no modo capitalista não têm a intenção de “entrar no ser humano”, são externos e aí continuarão. A rigor, não são formativos, não são produzidos com a intenção de enriquecer o ser humano no campo intelectual, espiritual ou humano, mas sim escamotear o tempo desse ser, entretê-lo enquanto realiza sua verdadeira função, qual seja, erigir o capital transmitindo sua vida (tempo) a ele. Todavia, a externalidade produzida pelas condições do capital não conseguem evitar que tais bens degenerados acabem se internalizando nos seres humanos. Assim, chegamos a uma situação em que o ser humano não é formado, mas sim semiformado (Adorno, 1996). Ou seja, os humanos se adequam às condições de barbárie que lhes são colocadas, perdem sua capacidade de produzirem, agregarem e desenvolverem experiências, já que não há contexto para isso, e seus interesses se voltam para tudo que lhes é impelido goela abaixo sem nem mesmo que percebem, num processo dinâmico que todos, de tão acostumados, já aceitam como natural, como algo que brotou do chão, eterno, existente desde o início dos tempos.

Por ser a velocidade a determinante do modelo, ela é acompanhada e até mesmo possibilitada por todo o aparato tecnológico posto à disposição nos muitos balcões da cidade. É a tecnologia que permite desejar e realizar mudanças com o dispêndio do menor nível de esforço possível. Afinal de contas, sacrifício e imolação são condições de obtenção de elementos duradouros, materiais ou não. Para a obtenção de elementos transitórios, as exigências devem ser mínimas e devem estar à disposição e ao alcance de todos. Ler um livro inteiro, ainda mais se ele for grosso (sic), fazer um curso de quatro anos, ler um jornal com nove cadernos, assistir a um filme de três horas de duração, são sacrifícios que não se justificam quando comparados com a quantidade de coisas, situações e relacionamentos que se poderia experimentar no tempo de duração de uma única dessas atividades. Nas palavras de Boaventura Souza Santos ‘não me importo de me transformar em um ignorante funcional, desde que o faça rápido’. (Lara, 2007, p. 11)

São princípios, comportamentos e não pensamentos, surgidos das condições de reprodução do capital, impostos goela abaixo pelo baixo mercado de bens culturais: as músicas, estilos, roupas, livros, jornais e estereótipos que em nenhum momento têm o objetivo de construir um processo de formação, de melhoria, de ajuda ao ser humano que

o faça perceber o mundo a sua volta, de aprendizado crítico ou de autonomia. Todos querem apenas se incluir no sistema e ser mais um robô pulando em raves, fotografando-se a cada minuto para empanturrar murais narcísicos em espaços virtuais. Atitudes sem significado no campo da experiência, isto é, da formação humana, pois o que há de significativo, de enriquecedor no campo das possibilidades humanas em ficar publicando ou contemplando fotos que portam sorrisos e felicidade falsa? O que há de humanizador em ficar pulando e gritando em uma rave? Ora, os exemplo podem se estender por quilômetros na atual formação social, mas o que estamos querendo dizer é que o caldo cujas pessoas são embebidas no atual contexto não as permite se importar com a experiência, esta desapareceu da face da terra e não é uma simples questão volitiva, idiossincrática, isto é, subjetiva.

Por isso, Marx nunca recomendou aos trabalhadores, como fórmula para a Revolução, os livros, a pintura, os concertos de música erudita, ou seja, a educação, mas sim a mudança objetiva (fundamental) nas condições objetivas de vida de cada um deles. Sua tão conhecida máxima, proferida no Manifesto Comunista é: “Proletários de todos os países, uni-vos” e não “Proletários de todos os países, vão para a escola, eduquem-se formalmente”. Marx conclamava os trabalhadores à tomada daquilo que afetava diretamente a produção das condições que não permitiam com que a experiência existisse. Para que alguém desfrute da beleza das palavras de Goethe, e entenda sua preocupação com a formação do homem, ou se impressione com a genialidade de Salvador Dalí – e sorva toda a atmosfera que envolve suas obras, numa interpretação sua, podemos dizer uma narração sua, do momento em que está vivendo, “nela ficando impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila” (Benjamin, 1989, p. 107) – é necessário que viva numa sociedade organizada de uma maneira que valorize o enriquecimento do comportamento humano, mas acima de tudo que crie as condições para que tudo que for criado tenha o escopo de se integrar ao ser humano originando a experiência, onde o que há dentro do ser humano e o que há fora dialoguem com a intenção de chegarem a uma síntese, ao invés de ser algo apenas para ser consumido e desaparecer num ciclo *ad infinitum* e totalmente irracional. Tal fato os equivocados teóricos da educação ainda não aprenderam, e passam a vida se dizendo marxistas, mas ignorando os ensinamentos básicos de Marx, que tão bem explicam a realidade contemporânea. Por isso, a pregação desses teóricos, baseada numa crença em que a salvação está na educação, nunca cessa, pois nunca acerta o alvo. De forma paradoxal, concluímos que escola só

poderá existir com eficácia numa sociedade em que ela não será mais necessária, pois está última estará totalmente voltada à formação do ser humano.

O ambiente construído então, com o advento da indústria, é aquele hostil ao tempo, que Bérghson (Apud Benjamin, 1989, p. 105) conceituou como *durée*, isto é, o espaço em que o tempo é o da longa duração, o tempo medido não pela quantidade, mas sim pela qualidade, enfim, o tempo fértil à experiência. O tempo medido segundo a segundo impede a contemplação e a reminiscência. Urge que os atos sejam rápidos, curtos, breves, fragmentados, sem conexão aparente; apressados são os atos e os homens modernos.

A experiência (...) fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. Em lugar do *temps durée*, conexão de um viver em si relativamente uníssono que se desemboca no julgamento, coloca-se um 'é isso' sem julgamento, algo parecido à fala desses viajantes que, do trem, dão nome a todos os lugares pelos quais passam como um raio, (...) prontos a dar respostas inconseqüentes a qualquer pergunta. (Adorno, 1996, p. 406)

Há a necessidade de serem encontrados processos sempre mais eficazes para diminuir o tempo e, para isso, é desenvolvido uma pequena e elitizada camada de especialistas. Já as grandes massas, devem apenas se dissolver na multidão e receber os esbarrões oriundos de seus semelhantes, choques como os outros advindos do sinal de trânsito, da freada brusca do automobilista, do clicar da máquina fotográfica ou das luzes das cidades. O homem moderno deve apenas corresponder a esses choques até que sua resposta seja automática, tal e qual o ignóbil proletário fabril, ou o funcionário da repartição que bate-cabeça carregando papéis de um lado para o outro após preencher os infindáveis e inúteis formulários. O homem moderno responde, segundo Freud (1998, p. 34-36), aos estímulos em seu córtex cerebral. Esta área chegaria a ficar calcinada, pois teria como principal função a proteção da parte interna do cérebro, refletindo de tal forma os estímulos externos para que não pudesse haver nenhum trauma. Este seria um sistema de armazenamento de dados de curta duração; então, tal qual um autômato, um robô sem imaginação nem autonomia, e muito menos liberdade, segue o ser humano moderno. Estimulado, ele vai no "balanço das coisas". São as coisas que o balançam, elas tomam-lhe as rédeas. O sexo reificado se torna sujeito do ser humano, e este apenas seu objeto inanimado – e há aqueles, totalmente fetichizados, que ainda evocam o abjeto conceito de "qualidade de vida" (tão em moda no presente momento que logo os jazigos também se utilizarão dele, para venderem seus produtos) para explicar a função do sexo. Para o ser humano atual, sua liberdade ou sua natureza fisiológica, mas tanto seu tempo fisiológico quanto espiritual, correspondem ao mesmo tempo imposto pela fábrica, pelo escritório,

pelo comércio, pela produção e pelo consumo: um tempo sem qualidade, feito de uma matéria que deve ser destruída. O ser humano robotizado, sem memória, mata o tempo nas raves, tendo seu senso motor estimulado até os limites para, quando sair de lá, só responder a estímulos análogos², exercitando seu sadismo narcisista nas páginas pessoais de redes de relacionamento, ou jogando paciência em frente ao computador, tanto faz, pois para ele, que não pode conceber a experiência, o tempo é o verdadeiro horror, serve apenas para envelhecê-lo, retirá-lo da vitrine, do ambiente dos choques que o alimentam, e lançá-lo à lixeira, juntamente com outras mercadorias que já saíram de moda, foram substituídas por outras mais modernas ou simplesmente são defeituosas.

O paroxismo da especialização levando ao paroxismo da falta de formação (Cf. Benjamin, 126) e do descarte é o que encontramos nos pólos opostos da produção. Tal dessensibilização seria caracterizado por um extremo distanciamento dos seres humanos às relações empíricas com os objetos e com seus semelhantes, ou seja, os próprios seres humanos. Pois com o avanço indiscriminado do valor troca sobre o valor de uso, num movimento quase que natural dada a necessidade para a sobrevivência das empresas, o espaço para o indivíduo foi praticamente anulado. Desse modo, os seres humanos foram destituídos do direito à liberdade de produzir, conhecer, escolher e desenvolver suas próprias e verdadeiras necessidades. Ou seja, na dinâmica econômica, social e cultural que se erigiu sob os ditames do exponencial crescimento do capital, a real necessidade empírica de cada ser humano foi impedida de florescer. A crença de Rousseau (Cf. 2004) na possibilidade da ativa e livre autoformação do ser humano foi destruída, abortada pelo desenvolvimento das condições materiais de produção baseadas naquilo que, em nenhum momento de sua dinâmica, é essencial ao ser humano, ou seja, a metafísica concernente ao valor de troca e sua expansão. Pois tal formação produtiva acima de tudo aliena, cinde o ser humano do restante do mundo. Tal fato, que se inicia na linha de produção fabril, se impõem com tanta força sobre o humano que assola suas sensações e percepções. No entanto, a percepção daquele ser é completamente afetada e transformada porque não encontra alternativa a não ser a realidade cindida, já que a forma mercadoria se coloca sobre todas as outras relações sociais e também sobre a música, a literatura, a pintura, enfim a arte como um todo. Aqueles que ainda se lembram que a realidade se articula numa totalidade, não desistiram e nem perderam a capacidade de tentar captá-la nessa dimensão de interação, tal qual Benjamin (1989, p. 125), explicam:

Não é em vão que Marx insiste que, no artesanato, a conexão entre as etapas do trabalho é contínua. Já nas atividades do operário de fábrica na linha de montagem,

esta conexão aparece como autônoma e coisificada. A peça entra no raio de ação do operário, independentemente de sua vontade. E escapa dele de forma arbitrária.

A liberdade que autores do chamado Iluminismo, tais como Rousseau, tanto ansiavam e acreditavam ser possível, esvaiu-se e, com ela, a capacidade perceptiva do ser humano foi coarctada, reduzida, danificada, juntamente com seu aparelho sensório. Isso fica claro já no título do texto de Adorno intitulado: “O fetichismo na música e a regressão na audição”. Analisando a manipulação fetichista da música séria (entre nós conhecida como “clássica”), Adorno (1999, p. 82) percebe:

A ampliação, que precisamente sublinha as partes coisificadas, assume o caráter de um ritual mágico, no qual são esconjurados, por quem reproduz, todos os mistérios da personalidade, intimidade, inspiração e espontaneidade, que desapareceram da própria obra. Precisamente porque a obra dos momentos, em decadência, renuncia à sua espontaneidade, tais momentos lhe são injetados de fora, tão estereotipados quanto as idéias criadoras.

Com isso, a percepção sensível do “eu” jaz impedida de constituir-se; ou, noutras palavras, uma concepção de relação verdadeiramente humana, pois existente de forma empírica a partir de cada ser humano, com os objetos, outros seres e mundo externo a si, deixa de existir causando a desensibilização. Tal fato parece ter se dado a partir do momento em que a dominação realizada pela sociedade capitalista atingiu um estágio avançado de controle e alta tecnologia. Neste momento, o valor de troca impera sobre o valor de uso. No entanto, já nos escritos de Marx (1989, p. 125), os quais explicitamente influenciam Adorno em suas análises sobre os “bens de cultura” e sua influência sobre as capacidades dos seres humanos, aparece uma evidente percepção desses fatos, ou seja, que a nova situação produtiva, situação objetiva, traria resultados negativos aos trabalhadores não apenas no âmbito material:

Todas as formas de produção capitalista têm em comum o fato de que não é o operário quem utiliza os meios de trabalho, mas ao contrário, são os meios de trabalho que utilizam o operário (...) No trato com a máquina, os operários aprendem a coordenar seu próprio movimento ao movimento uniforme, constante de um autômato.

Ou seja, o contexto em que hoje vivemos impede as experiências e privilegia as vivências puras e imediatas e, assim, impede ao ser humano desenvolver uma forma de percepção sensível que gera a recepção apenas passiva, como explicaram os frankfurtianos em diferentes textos. A partir disso, poderíamos seguir acompanhando as reflexões daqueles autores e afirmar um desaparecimento do sujeito, do indivíduo, do “eu”. Pois os indivíduos atualmente vivem aceitando de pronto aqueles que lhe são apresentados como

possibilidades de experiência, vida, enfim, verdade. Nesta imposição, as não experiências autênticas são a única opção e existem como não comunicação, já que não há diálogo entre indivíduo e sociedade. Em seu lugar são ofertadas aos indivíduos as experiências substitutivas, não aquelas vividas empiricamente, ou seja, a partir do próprio indivíduo, sem intervenção de outrem, que agregam conhecimento e aprendizado, mas as que nos referimos acima como vivência. Aquelas para as quais o indivíduo se entrega sem nem mesmo perceber, imitando comportamentos, formas de se vestir, expressões e interesses, diz Adorno (1999, p. 79)

A mulher que possui dinheiro para as compras delicia-se no ato mesmo de fazer compras. Having a good times (Passar momentos agradáveis) significa, na linguagem convencional americana, participar do divertimento dos outros, divertimento que, a seu turno, tem como único objeto e motivo o participar. (...) Por outra parte, para muitas mulheres, as situações de intimidade, em que tratam dos cabelos e fazem a maquiagem, são mais agradáveis do que as situações de intimidade familiar e conjugal para as quais se destinam o penteado e a maquiagem.

E em outro trecho:

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos. (Adorno&Horkheimer, 1985, p. 104-105)

A lógica formal nos ensina que parte e todo estão unidos indissolivelmente, pois falar em parte compreende tocar no todo e vice-versa, havendo uma interação entre eles. Porém, com o advento da sociedade industrial capitalista tal observação lógica parece se alterar um pouco, numa sobreposição do todo sobre a parte que obriga esta última a se submeter à primeira. Com o desenvolvimento da divisão do trabalho, o indivíduo (a parte) isola-se numa função laboral destituída de significado para ele e repete o mesmo movimento após seu turno de trabalho, isto é, novamente entre num estado de isolamento. Assim, sua sensibilidade e sua capacidade perceptiva nascem e são desenvolvidas num âmbito altamente sugestível, sem relação ativa com o todo social e econômico. Mas também, tal relação não se constitui com o objeto em si, ou seja, com o significado dele para o indivíduo, em sua vida, em sua formação. A relação acaba sendo esvaziada, destituída de relação, pois não é o ser humano que conscientemente escolhe seus objetos a partir de suas necessidades, engendradas por ele mesmo num ato consciente de vida, mas

sim outrem, o alheio; desta forma, há um alheamento na relação com o que é necessário à vida dos seres humanos daquilo que a constitui. A sensibilidade é totalmente afetada. Adorno (1999, p. 77) diz: “Parece-lhes próximo o totalmente estranho.” As qualidades específicas, empíricas, dos objetos consumidos não mais importam, pois as próprias necessidades empíricas, reais, de cada indivíduo não mais existem. A dominação se torna uma abstração real: uma mistura de idéias que se materializam e geram valor de troca por meio de necessidades geradas em cada ser humano.

Nesse contexto, adquire-se uma enorme perda de percepção, de sensibilidade, de critério, enfim, de individualidade. Os acontecimentos, os fatos, a atividade do mundo sobre o indivíduo não é percebida por este último. Há uma separação entre realidade empírica (econômica, social e cultural) e indivíduo, por parte dos objetos produzidos pela indústria, e que atualmente se acirra, produzida pelo critério do valor de troca que sempre busca sua ampliação, obrigando que também os próprios seres humanos se afastem de tal realidade, acabando por desconhecê-la por completo. A sensibilidade, a percepção do indivíduo não é mais oriunda dele e nem precisa ser, já que há uma indústria que percebe por ele. No sistema capitalista, as qualidades de um produto só tem razão em existirem realmente como um elemento que produza capital, sobre o ser humano, sua atuação é apenas um efeito colateral necessário para fechar o ciclo de produção de valor e reprodução de capital. Ou seja, o intuito precípua da concepção de um produto não é o efeito que ele produzirá no ser humano visando unicamente o humano (formação, saúde, prazer, lazer), mas sim a possibilidade de se tornar rentável. O máximo fetiche consagra-se na existência de aparelhos voltados ao campo de exames diagnósticos – portanto, absolutamente vitais –, mas de uso imediato restrito àqueles seres humanos capazes de arcar com as pesadas taxas de valor invertidas em sua produção. Essa, talvez, seja a prova cabal de que o capital não está interessado na reprodução da vida, mas sim em usá-la como meio para se reproduzir. Pois o valor deve ser realizado para que o capital continue a existir, e isso vale para todos os produtos que se tornaram mercadorias. Daí que, Adorno (1999, p. 87), fazendo uma análise no campo da música fetichizada e a perda dos elementos humanos ali existentes, nos diz:

O último fetichismo, que domina a própria obra, sufoca tal espontaneidade: a adequação absoluta da aparência à obra desmente esta última e faz com esta desapareça com indiferença atrás do aparato, da mesma forma que certos pantanais são secados por equipes de trabalhadores apenas para empregar mão de obra, e não em razão de sua utilidade.

O isolamento do indivíduo do conjunto social não permite a ele haurir a experiência das contradições reinantes, da desarmonia, isto é, dos hiatos existentes entre momentos de prazer e encantamento e a totalidade social. A experiência da crítica deixa de existir, pois a parte deixa de criticar o todo. A rigor, o todo e a parte são separados para engendrar, pelo meio da parte, a passividade do indivíduo, a alienação do todo, o apego à experiência substitutiva. A percepção é totalmente afetada: deixa de existir “a autêntica globalidade estética” (Cf. Adorno, 1999, p. 70). A experiência passa a ser a da reificação, em que a parte isolada do todo resulta numa produção de momentos agradáveis para os indivíduos, e na crítica leva a abordagens de temas alienados de sua constituição radical. Se assim estiver, o aparelho perceptivo dos seres humanos contemporâneos foi afetado e submeteu-se completamente à experiência do “não eu”, isto é, do “outro” (o capital totalizante). Se o “eu” inexistente sem o outro, o que será dele quando só há o “outro”? A contradição recíproca que movimenta o processo social estará, neste momento, congelada em um único pólo? A nós, parece que sim; e mesmo que a crise do capitalismo financeiro esteja a abalar uma boa parte do mundo ocidental, enquanto uma parte do oriente clama por capitalismo, o grosso das massas que irrompe às ruas parece interessada apenas em retornar a uma situação que viveu **no** capitalismo, e que não é mais possível, ao invés de reivindicar uma nova organização para a produção e a reprodução da vida.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. In: **Educação & Sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação, ano XVII, n. 56, Campinas: Editora Papyrus, dez./1996, p. 388-411.

ADORNO, Theodor. O Fetichismo na música e a regressão da audição. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 65-108.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 99-138.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Walter Benjamin, Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1989. p. 103-149.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo. In: **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KONDER, Leandro. Notas de Tradução. In: BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Walter Benjamin, Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1989.

LARA, Marcos R. **Jovens Urbanos e o Consumo na Cultura do Desapego**. Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Cultura Urbanas, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação da Intercom, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2007.

MARX, Karl. Mercadoria e dinheiro. In: **O capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. v. 1. p. 41-161.

MATOS, Olgária. Tempo sem experiência. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos>. Acesso em: 16 julho de 2009.

OLIVEIRA, Newton R. Reflexões sobre a educação danificada. In: Zuin, Antonio A. Soares; Pucci, Bruno; Oliveira, Newton R. **A educação danificada**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, César A. A. **Além dos muros da escola: as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos**. Campinas: Papirus, 2011.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, Mestre em Educação pela PUC de São Paulo e Licenciado em História. professor da Rede Pública do ensino do estado de São Paulo e autor do livro: *Além dos muros da escola: as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos*.

² Ou então, ocorre exatamente o contrário, por ter seu senso perceptivo motor viciado nos estímulos oriundos da grande cidade, os indivíduos só conseguem se sentir vivos com estímulos semelhantes, caindo num círculo vicioso e necessitando de estímulos cada vez maiores, o que explica a atitude de indivíduos que se lançam numa queda livre a 20 metros de altura, de ponta cabeça, atados pelos pés a elásticos gigantescos.